

# História e Política:

**Pensamentos  
constitutivos  
e críticos**



**2**

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# História e Política:

Pensamentos  
constitutivos  
e críticos



2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-952-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.520221802>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Ao olhar ingênuo a aproximação entre história e política pode parecer tácita, uma vez que é comum dizermos “história política” de um país, por exemplo, todavia não o é. Ao longo do tempo existiram momentos de aproximação, em busca de explicações e apoio, mas também períodos de estranhamento. Alguns pensadores chegaram mesmo a referendar, a partir da História das Ideias, que o pensamento político compunha um mundo à parte, no qual os filósofos debateriam entre si, mesmo distantes no tempo e no espaço.

A distinção entre história, como disciplina e método, e histórico, como característica de processos e práticas que acontecem no tempo e no espaço, não é apenas um recurso para ressaltar extensão da articulação entre história e política. Para além da separação proposta por Weber entre singularidade e generalização, que diferencia analiticamente a causalidade histórica da sociológica, forjou-se um vocabulário que contaminou certos segmentos da ciência política como, por exemplo, tempo, conjuntura, contexto, evento e sequência.

Nos últimos tempos observamos, no Brasil, a aproximação entre História e Política têm recebido uma expressiva revitalização. Observamos, e a obra que temos em mãos é um bom exemplo, um diálogo interdisciplinar mais amplo nos trabalhos específicos da área.

A necessidade deste diálogo para a formação dos pesquisadores das duas áreas e, porque não, para o público em geral, é importante para a compreensão da realidade que nos circunda. Não podemos esquecer que toda a ação política ocorre em um espaço de experiências, construindo e interferindo nas memórias, nas formas de pensar, nas instituições que constituem as comunidades.

Como nos ensinou Hannah Arendt, a política é uma necessidade imperiosa para a vida humana e, ainda maior para a sociedade, sendo, portanto, uma das funções da política garantir a vida dos indivíduos. Como necessidade dos indivíduos, a política interfere na existência e na convivência, cabendo a história elucidar como instituições, partidos, processos eleitorais, já que a nossa democracia é representativa, foram pensados e tornados possíveis em determinadas condições de tempo e espaço.

Assim, é de suma importância que a relação dialogal entre a História e a Política sejam mantidas e aprimoradas de forma prospectiva para a melhor compreensão da sociedade sobre ela mesma, para o entendimento das transformações sócio-históricas, das formas de pensamento.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

“EMISSÁRIOS E SEUS VERTIGINOSOS PLANOS”: A AÇÃO DE LIBERAIS REPUBLICANOS NA REVOLTA DOS MATUTOS (PERNAMBUCO – 1838)

Manoel Nunes Cavalcanti Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218021>

### **CAPÍTULO 2..... 11**

A ARTICULAÇÃO ENTRE CIDADE E SUBJETIVIDADE NA LITERATURA URBANA PÓS-MODERNA

Felipe Dias Ramos Loureiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218022>

### **CAPÍTULO 3..... 25**

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE: ESTADO, INTERVENÇÃO LEGISLATIVA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (1928 – 1930)

Roberto Jorge Chaves Araújo

Jean Carlo de Carvalho Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218023>

### **CAPÍTULO 4..... 46**

A CONCEPÇÃO DA DOCTRINA REFORMISTA DA IGREJA MEDIEVAL A PARTIR DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULO XIV)

Nabio Vanutt da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218024>

### **CAPÍTULO 5..... 56**

A COOPERATIVIZAÇÃO SOB O REGIME DO KHMER VERMELHO (1973-1979)

Jorge Arbage

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218025>

### **CAPÍTULO 6..... 67**

ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA ENTRE ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Fabiano Brito Dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218026>

### **CAPÍTULO 7..... 80**

CONFISSÕES DA MADONNA: A HISTÓRIA DE UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF

Carlos Velázquez

Alessandra C. Alcântara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218027>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 AO RECONHECIMENTO JURÍDICO E ACESSO CARTORIAL AO CASAMENTO GAY: CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Paulo Sérgio da Silva Ana Paula da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218028">https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218028</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
ECOS DE MEMÓRIA DE UMA ESCOLA CENTENÁRIA	
Tânia Regina da Rocha Unglaub Cleia Demétrio Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218029">https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218029</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>117</b>
HISTÓRIAS SOBRE JOVENS, REPRESSÃO E CONSUMO DE DROGAS NO BRASIL	
Ana Maria Cardachevski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180210">https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180211">https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
MEMÓRIA E EFEITO DE SENTIDO DA FILIAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS DE 1934 E 1988	
Flávia David Vieira Edvania Gomes da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180212">https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>167</b>
NO VÁCUO DO TEMPO PRESENTE: O PASSADO DO BRASIL ENTRE NARRATIVAS	
Arthur Henrique Lux Lobo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180213">https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
O BANCO MEDICI NA ERA DE COSIMO, O VELHO, COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER POLÍTICO-ECONÔMICO: A PERSPECTIVA DE MAQUIAVEL E GUICCIARDINI	
Bianca Coradin Benedeti	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180214">https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>189</b>
O TRABALHISMO VARGUISTA ENTRE AS TRINCHEIRAS DA OPOSIÇÃO (1943-1945)	
Juliana Martins Alves	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180215>

**CAPÍTULO 16.....201**

OS PENSAMENTOS POLÍTICOS DE MICHEL FOUCAULT E NORBERTO BOBBIO  
ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL DOS INTELLECTUAIS

Rodrigo Davi Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180216>

**CAPÍTULO 17.....212**

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: POLÍTICAS DE ESTADO OU  
POLÍTICAS DE GOVERNO?

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Giane Aparecida Sales da Silva Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180217>

**CAPÍTULO 18.....226**

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA NA PRESERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS:  
OS ACERVOS TEATRAIS ALOCADOS NA SALA ANTÔNIO MANOEL DE SOUZA  
GUERRA CEDOC/UFSJ

Berilo Luigi Deiró Nosella

Fabiana Siqueira Fontana

Isabela Francisconi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180218>

**CAPÍTULO 19.....234**

TEKOHA: LUGAR DE MEMÓRIA E VIDA

Raul Claudio Lima Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180219>

**CAPÍTULO 20.....247**

UMA ANÁLISE SOBRE A (NÃO) PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE  
TOMBAMENTO

Priscila Angelo Tarabossi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180220>

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....259**

**ÍNDICE REMISSIVO.....260**

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 06/11/2021

### Raul Claudio Lima Falcão

Mestre em Antropologia Sociocultural pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sociocultural (UFGD); e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Cuiabá-MT  
<http://lattes.cnpq.br/3766477136863999>

Resumo apresentado como requisito para inscrição na modalidade *participante* no II Seminário Internacional Etnologia Guarani: redes de conhecimentos e colaborações, promovido pelo CEStA (Centro de Estudos Ameríndios) – FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamentos de Antropologia e História) da Universidade de São Paulo – USP (2019).

**RESUMO:** As definições acadêmicas que atribuem significado e sentido ao espaço geográfico que é habitado pelos Kaiowa, residentes no município de Dourados, Mato Grosso do Sul, assim como em outras cidades, é denominado, como *tekoha*. Para os Kaiowa é o território onde habitam, e que faz parte de sua cosmologia, conectada ao sagrado; lugar onde residem as divindades e que faz parte de seu corpo e sua alma. Na perspectiva histórica, o *tekoha* é um lugar privilegiado, de uma memória dinâmica, que traz consigo, as tradições,

costumes e enlaces sociais de um povo, que nele, interagem e dinamizam suas práticas, mediante rituais e manifestações culturais diversas. A condição de existência do *tekoha* concretiza o sentimento dos Kaiowa em resistir e não deixar morrer um bem precioso e que conecta sua ação a prática: a sua *palavra* que caminha “viva” no *tekoha*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tekoha. Kaiowa. Resistência. Cosmologia. Memória.

### TEKOHA: PLACE OF MEMORY AND LIFE

**ABSTRACT:** The academic definitions that attribute meaning and sense to the geographical space that is inhabited by the Kaiowa, residing in the municipality of Dourados, Mato Grosso do Sul, as well as in other cities, is called *tekoha*. For the Kaiowa it is the territory they inhabit, and that is part of their cosmology, connected to the sacred; place where the deities reside and which is part of your body and soul. From a historical perspective, *tekoha* is a privileged place, with a dynamic memory, which brings with it the traditions, customs and social bonds of a people, who interact and dynamize their practices in it, through rituals and different cultural manifestations. The *tekoha* condition of existence embodies the Kaiowa feeling of resisting and not letting die a precious asset that connects their action to practice: their word that walks “alive” in *tekoha*.

**KEYWORDS:** Tekoha. Kaiowa. Resistance. Cosmology. Memory.

## 1 | INTRODUÇÃO

A construção deste artigo é pensada em consonância ao nosso trabalho de pesquisa de tese de doutoramento, que trata sobre a ação e prática dos novos agentes históricos da Reserva Indígena de Dourados (RID), em um recorte temporal compreendido entre os anos de 2009 a 2017: a primeira data, condizente com o ano de inauguração do anel viário que passa ao lado do território habitado por povos indígenas, entre eles os Kaiowa; já o segundo ano, marca os cem anos da criação da Reserva Indígena de Dourados.

O estudo dessa temática tão importante e necessária à perpetuação e conservação das tradições dos povos indígenas, como os Kaiowa, esse povo tão lutador que resiste as mazelas impostas pela sociedade *não indígena*, atingida também pelos desordenamentos organizacionais, políticos, culturais, religiosos, entre outros, vivenciados pela sua comunidade, desde muitos séculos até os tempos atuais, devidos a fatores internos e externos, traz à tona uma discussão que é realizada por estudiosos do campo etnológico, sobre as condições em que a nação indígena em geral, que habitam, por muitas vezes, em espaços longe de serem dignos das condições humanas, e que de longe exibem o que seria ideal aos povos indígenas a desenvolverem o seu pleno modo de ser e de viver, com suas tradições e heranças culturais, desenvolvendo suas práticas com dignidade e como foi repassada pelos antigos habitantes de seu espaço.

Soma-se a esta pesquisa, nossa participação no II Seminário Internacional de Etnologia Guarani - diálogos e contribuições, realizado no ano de 2016, no município de Dourados-MS, com a gerência da FCH e FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde experimentamos importantes conceitos e experiências compartilhadas sobre as demandas dos povos Guarani, trazendo à luz da crítica acadêmica e aos indígenas que ali se encontravam: situações, necessidades, problemáticas, questionamentos importantes e condizentes com a grandeza do evento.

A fala de um dos palestrantes, Bartomeu Meliá, me chamou muito a atenção, quando o mesmo apontava, com tamanha emoção e propriedade, para a importância vital para todos os indígenas, e especial, os Guarani / Kaiowa, do bem viver de seu *tekoha* e da comunhão deste com a boa palavra que o conjuga, e que sem *ele* e *ela*, caminhando *em perfeitas condições de ser e existir* não haveria Guarani / Kaiowa e que sem Guarani / Kaiowa, não existe *tekoha*. Em suas palavras o etnólogo Guarani nos explica que “a palavra está na terra e não suspensa, viajando sem objetivo. Os pés estão na terra também. Essa raiz que é a palavra está na terra e sem ela, não há futuro, não há ramagens, não há árvore”. (MELIÁ, 2016).

Sua conceituação caminha na direção de explicar o inexplicável a nossa consciência e nossa lógica de como que um perfeito movimento harmônico é capaz de unir “corpo e lugar” – embebido de simbologias, sentimentos, práticas, sacralidade, dinamicidades sociais – em um só elemento em que fosse identificado como lugar de pertencimento,

trazendo ao presente um passado distante de quem nele constitui sua cultura como sendo parte constitutiva do lugar onde reside.

O mesmo solo que recebe e faz brotar a semente é o ambiente perfeito onde acontecem às manifestações da religiosidade e espiritualidade Kaiowa, fazendo assim, o sincretismo alimentar do corpo e da alma, unindo as dimensões binárias do sagrado e profano em uma coletividade harmônica.

Unindo esse pensamento ele conecta a palavra Guarani / Kaiowa e seu forte simbolismo entre prática e existência; nesse sentido a palavra se interliga ao espaço vivido e faz sentido a constituição de práticas para que sua ordem não seja maculada. Sua condição de vida é preterida pelo modo como se vive essa vida em seu território, o que não é bem interpretado pelos não índios que exploram a natureza desenfreadamente pensando que esta, não sente os efeitos dessa exploração exacerbada.

## 2 | A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO TEKOKHA

A terminologia do espaço habitado e dinamizado pelos Kaiowa é denominado *tekoha*. Para o grupo étnico em questão, sua dimensão conceitual e significativa, abrange muito mais do que conceitos geográficos e sociais, entre outros, dos quais costumamos “dar nomes complicados”, como os nossos irmãos nos indicam em suas falas, nas *aty guassu*, grandes assembleias, realizadas periodicamente em seu território.

Os primeiros textos que descrevem o termo e problematizam os seus significados como espaço cultural onde são realizados os ritos e danças Guarani, datam do século XVI / XVII, escritos por Barzana em 1594 e por um jesuíta anônimo (indica-se aqui que o texto tenha sido redigido provavelmente pelo Padre Marciel de Lorenzana), que indicam elementos pertencentes ao sistema simbólico do qual se constitui o território Kaiowa.<sup>1</sup>

Existem vários significados para identificar o termo *tekoha*, como o encontrado no Dicionário Guarani - Espanhol, que denomina o seu significado como sendo o “lugar, ou morada, onde se executa o verdadeiro modo de ser”. (CANESE & ALCARAZ, 2015, p.23,105).

Nas palavras de SANGALLI *et al* (2017) o *tekoha* é um verdadeiro universo de saberes tradicionais onde reúnem-se em um complexo e perfeito sistema “o universo cosmológico e a Terra no espaço; energia e transformações no ambiente; meio ambiente, sustentabilidade e comunidades indígenas; os seres humanos e o meio ambiente; diversidade e identidade dos seres vivos; origens e evolução da vida, em uma sequência que prioriza a compreensão da organização do universo em sua dimensão macro até a menor das partículas participantes dessa formação (dimensão micro).” (SANGALLI *et al*, 2017, p.10).

Segundo Bartomeu Meliá, o *tekoha* – a comunidade, “es ‘el lugar en que vivimos

<sup>1</sup> Bartomeu Meliá: *El “modo de ser” Guarani en la primera documentación jesuítica (1594-1639)*, Revista de Antropología, vol. 24, 1981.

según nuestras costumbres', es la comunidad semi-autónoma de los Guaraní... El *tekoha* es una institución divina creada por Ñande *Ru – nosso Pa*" (MELIÁ, GRUNBERG, F. & GRUNBERG, G., p. 218).

Para PEREIRA (2004) o *tekoha* é mais do que um simples lugar onde reúne habitações, ele perfaz sua condição em um ambiente onde são construídas redes de alianças entre parentelas e que possuem implicações profundas com os sistemas de residência, produção, política e religião e que transpõem necessidade de harmonia, como em uma engrenagem perfeita. Ainda segundo o antropólogo:

O espaço sócio-político resulta da interação dinâmica da população com o espaço geográfico, conectada ao sistema cosmológico, fonte de inspiração e orientação para a conduta humana. A grande ênfase no *tekoha* enquanto espaço físico, presente na etnografia guarani atual e mesmo na fala dos líderes indígenas kaiowá, faz sentido quando se considera a dramática situação histórica atual de disputa pela terra com os fazendeiros. A indisponibilidade de terras se tornou hoje o principal fator limitante para a produção e reprodução social das comunidades kaiowá. (PEREIRA, 2004, p.170).

A dimensão simbólica do *tekoha* nos transmite muito mais do que sua disposição geográfica e quem nele habita, sabe a importância de sua manutenção e do cuidado que deve ser dispensado para que sua identidade seja preservada e repassada às gerações que hão de vir. O respeito às tradições, aos períodos de colheita e processos rituais, as festividades, devem ser observados e mantidos em profunda simetria com sua experiência de vida.

O caminhar nas veredas do *bem viver* em seu *tekoha* não é fácil, muito pelas condições de vida na atualidade do povo Guarani / Kaiowa; as próprias dimensões geográficas limítrofes de seu território não condizem com o que se faz como elementar em sua constituição tradicional, porém é necessário alcançar o *teko porã*, que é a condição de subsistência para o grupo étnico. O pensamento do explorador não índio é consonante com o da máquina estatal, que nesse sentido, é formado e fomentado por uma máquina de opressão e destruição que não projetam as consequências de seus atos e quando projetam, fingem não saber de nada que aconteceu, quando suas ações "saem do controle". As configurações territoriais Guarani formam um conceito, uma noção de caracterizar a nação Guarani / Kaiowa.

A dualidade, divino e profano – entre outras e que possuem sentido real no *tekoha*, como por exemplo, harmonia e desarmonia, paz e violência, fartura e miséria, dependente de como as coisas seguem entre os "homens x divindades", como já nos relataram rezadores experientes – se encontram em um dispositivo dinâmico que invoca o mistério mítico e cosmológico que é contido na configuração concreta e imagética do espaço figurado nas ações de seus sujeitos que modelam o território delimitado como "seu"<sup>2</sup> por meio de suas

---

2 Neste caso deve ser observada a cosmologia do grupo étnico que diz que a terra não pertence a eles sim aos *Jara*, divindades, incumbidas pelo Deus criador de serem as criaturas protetoras dos elementos constituintes dos elementos que compõem a vida Kaiowa, por exemplo, *Jakaira*, dono do solo agrícola e de tudo o que é produzido sob sua tutela.

regras e conceitos, que novamente indico, ultrapassam nossa lógica. O mesmo lugar é capaz de sustentar o corpo físico e espiritual, conforme sua sujeição e habilitação redigida por meio dos processos rituais que nele são realizados.

Conflitos e violências causadas pela desarmonia evidenciada nos *tekooha* divergem de causas e efeitos, trazendo consigo, mazelas capazes de construir ou destruir arranjos sociais e políticos; paz e guerra são seladas no mesmo ambiente em que povos de diferentes etnias e pensamentos convivem, mostrando que no *lugar de memória*, reside também um lugar de respeito, que resiste ao tempo, e que mantém em ordem as condicionantes inerentes à disposição no espaço geográfico habitado fisicamente pelo real e imagético.

### 3 I **TEKOHA: LUGAR DE VIDA – CORPORAL E ESPIRITUAL**

Analisando a organização política e social, por meio de um viés que segue a dimensão cosmológica Kaiowá, que considera a palavra como sagrada e esta, diretamente conecta-se a terra onde caminham melodiosamente os seus versos sacros direcionados as divindades, podemos dizer que esta simetria entre ação e prática é necessária ao desenvolvimento pleno do ñande reko, nosso modo de ser, dos Kaiowa; este solo condiz no “fundamento da palavra Guarani”<sup>3</sup> e por ela é dinamizado.

O que é invocado nos cantos rituais desse povo que caminha<sup>4</sup> sobre a terra em desenvolvimento de sua madurez, em busca da terra sem males<sup>5</sup>, *yvy araguyje*, é que as divindades os conduzam àquela terra prometida, para fins de não mais sofrerem não mãos dos que querem a sua destruição e ou a sua perdição.

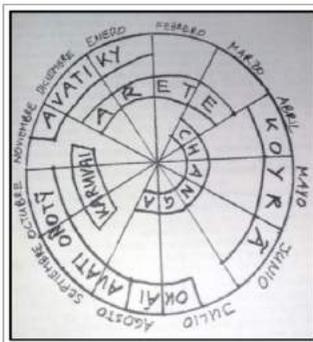
Para exemplificar minimamente o cuidado com que os Kaiowa tradicionais possuíam com sua terra, relacionada a atividade agrícola, apresentamos a seguir uma ilustração elaborada mediante pesquisas realizadas por Meliá e os irmãos Grünberg, na década de 1970, demonstrando como são organizados e devidamente explicados os períodos em que os indígenas trabalham a sua terra. Indica-se aqui que sempre houve o devido respeito a cada tempo e aos eventos conectados aos períodos distribuídos:

---

3 A busca da “Terra sem mal”, seria o motivo fundamental e a razão explicativa da migração dos Guarani tradicionais e na migração estaria incorporada a especificidade da economia Guarani, ou economia da reciprocidade. MELIÁ, Bartomeu. *La tierra-sin-mal de los Guaraníes: Economía y profecía*, 1990, p.17.

4 Cf. MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní: Experiencia religiosa*, 1991, p.14.

5 Expressão registrada por Montoya desde 1639 e problematizada por Bartomeu Meliá e Graciela Chamorro, *Terra madura – Yvy Araguyje: fundamento da palavra Guarani*, 2008.



"Depois do período das geadas (ro'yguasu) começa o ano novo (ombopyahujevy ñande yvy); em agosto (tajyipotyha) os Kaiowa plantam o *avati moroti* (milho branco), dando início ao ciclo agrícola. Outubro é o mês da penúria (*karuvali*) e se estende até a colheita do milho branco (*avatiky*) a partir da segunda quinzena de novembro. A época do *avatiky* é tempo festivo (*arete*) com o *avatikyry* e convites, que facilita a extensão da vida social (*ñombory*, *mitäka'u*, *aty*, etc) e as viagens. A partir de abril começam os trabalhos de derrubadas e preparação dos novos roçados (*koyrá*). Até finais de julho ou em agosto, segundo o tempo e a direção do vento, colocam fogo no roçado (*ohapy kóy*). Os meses de março a agosto são também os meses de oferta de trabalho (*changa*) por parte dos patrões da região." (Meliá, Grünberg & Grünberg, 1976, p. 207-208).

Ilustração nº 01: Calendário agrícola Kaiowa<sup>6</sup>

Devemos explicitar que alguns dos períodos e eventos que são demonstrados no calendário acima como atividades que ocorrem no *tekoha* e que foram descritos por Meliá e os irmãos Grünberg na década de 1970, são praticamente impraticáveis na atualidade, por diversas razões, entre elas podemos citar: as mudanças climáticas e condições desfavoráveis para a realização do plantio e a colheita (falta de insumos agrícolas e de outros auxílios); diversas dificuldades na realização dos eventos coletivos, como a importante festa da colheita do milho, que antes era realizada em um mês e que agora, quando é realizada – pois não é realizada em todas as Terras Indígenas onde habitam os Kaiowa, devido a inúmeros fatores, como o apoio interno e externo para sua execução – é realizada em períodos mais curtos, em três, dois ou um dia; o trabalho remunerado e os estudos acadêmicos na zona urbana – ambos realizados no exterior da comunidade – com suas cargas horárias divergentes do tempo cronológico Kaiowa; a mudança da consciência de muitos jovens Kaiowa que por meio dos contatos multiétnicos, não consideram como necessárias algumas atividades, antes denominadas como essenciais ao seu modo de ser e existir.

Todos esses fatores são elementos que interferem diretamente na condição de alguns indígenas que não conseguem seguir fielmente os tempos rituais e sociais conduzidos pelos grupos tradicionais. Outra condição que interfere pontualmente na periodicidade das atividades ligadas ao solo, são caracterizadas por motivos econômicos e ou mesmo de apoio por parte de iniciativas governamentais.

Alterações estas que possuem um multiplano variado de causas e consequências, implicando às mudanças cotidianas de decisões em âmbito individual e coletivo. Segundo PEREIRA (2004) essas alterações no calendário Kaiowa, que surgem conseqüentemente nas suas vidas, se dão principalmente pelo "confinamento e sobreposição de um grande

6 O Calendário agrícola acima exposto – da forma como está desenhado e descrito – foi elaborado por Bartomeu Meliá e pelos irmãos Georg e Friedl Grünberg mediante suas pesquisas entre os Guaraní e os Kaiowa do Paraguai, também denominados *Pái Taviterã* e que traduz perfeitamente o conjunto temporal que engloba o ciclo do milho, como elemento central.

número de parentelas no pequeno espaço das reservas demarcadas”. (PEREIRA, 2004, p.169).

A conexão que os Kaiowa possuem com a terra é algo que transcende nossa consciência, tendo em vista que é o lugar onde nascem, dinamizam suas experiências, criam laços e arranjos sociais, e onde descansam os seus entes queridos, os quais partilham o mesmo solo sagrado onde habitam as divindades.

Como bem nos indica IORIS *et al* (2019), sobre as características do povo que luta pela garantia da harmonia em seu território tradicional, quando algo mancha a experiência vivida e dinamizada em seu território, sua identidade é afetada no mais profundo sentimento; essa ação pode os levarem a entristecer-se de maneira a causar traumas irreversíveis em sua alma.

O trabalho minucioso com o solo, realizado com perfeição para que o ciclo agrícola seja respeitado e se torne produtivo, as práticas rituais, coletivas e individuais, a participação ativa nas assembleias, *aty guassu* – o que por vezes não ocorre, por causa de conflitos pessoais, entre outras causas – interferem diretamente na vida cotidiana da comunidade e a sua condição de estar organizado conforme as tradições Kaiowa.

#### **4 | O TEKOKHA E A ECONOMIA DA RECIPROCIDADE**

Um dos fatores primordiais para compreendermos como vive a sociedade em questão e como são pré-definidas e realizadas suas práticas, nos diversos contextos em que vivem e agem como sujeitos históricos e onde são estabelecidos seus princípios normativos, é o econômico.

A economia Kaiowa, diferente de outros sistemas econômicos, tem sua essência funcional na reciprocidade harmônica, sendo que, seu perfeito funcionamento está condicionado a execução de práticas – principalmente ligadas a religiosidade do grupo e a plenitude coletiva apresentada por meio dos processos rituais dos quais participam – que exprimem valores vitais e necessários para sua constituição e perpetuação como conjunto social. (FALCÃO, 2018, p.59).

Esse importante vetor central da sociedade kaiowa é entrelaçado por uma complexa rede que conecta vários elementos e conjugados, dos quais, são carregados de significações e simbologias, capazes de reger, harmonizar, modificar e até mesmo, engessar posições sociais, comportamentos e funções componentes do coletivo.

No que diz respeito aos elementos que compõem esse sistema, podemos identificar a ligação que os indígenas têm com a terra como sendo de singular significado e importância para o entendimento do grupo unificado e também como coletivo social e político identificado pelas suas práticas e pelo seu discurso mítico e histórico; neste sentido o solo não apenas é condicionado a suas características geográficas e ou sendo necessário em primazia para realização do trabalho agrícola.

Para os Kaiowa a relação do humano com a terra é intrínseca ao seu modo de ser e para que ela esteja em perfeita harmonia e possa dar os frutos esperados, o modo de ser daqueles devem ser praticados plenamente e de maneira que não agrida sua composição e realidade natural.

O que é fomentado pela caracterização do misticismo histórico evidenciado na práxis habitual deve ser e conter a essência Kaiowa, pois acima de qualquer aspecto, este povo é condizente de ser classificado como sujeitos históricos capazes de viverem mediante suas normas, costumes e tradições em contextos históricos multifacetados e mesmo assim, se adaptarem as transformações e resistirem criando sua própria história.

Neste viés, o ambiente geográfico onde habitam e desenvolvem seu modo de vida – e de onde tiram maior parte dos alimentos que os sustentam fisicamente e de onde praticam suas relações sociais e culturais, das quais, impulsiona a sua vida política – também faz parte dessa importante malha de símbolos e significados conectados e imbricados em sistemas maiores e mais complexos.

O princípio do sistema econômico dos índios Kaiowa herdado de seus antepassados é primordialmente baseado na agricultura familiar de subsistência, na pesca comunitária, na coleta de frutos e outros alimentos silvestres, na caça – mesmo que quase inexistente pelas condições naturais atuais, que vivenciam um grande desequilíbrio ecológico devido a fatores diversos, como a exploração desenfreada de lavouras de soja, utilização de agrotóxicos, queimadas e uso desregulado do solo – e em alguns casos isolados, em arrendamento da terra para cultivo de outras culturas como, por exemplo, a soja e o milho.

Adicionam-se a esses meios de obter condições para seu sustento e de sua parentela, como fora dito anteriormente, novas práticas de arrecadação financeira como o trabalho auxiliar nas fazendas e na produção fabril nas usinas de beneficiamento de cana-de-açúcar – muito comum na região da Grande Dourados e adjacências –, a construção civil, empregos diversos de contrato e carteira assinada e a carreira no magistério – não apenas nas aldeias com as séries iniciais, mas também, no ensino médio em escolas estaduais e mesmo no ensino universitário.

Apesar de toda esta diversidade de meios produtivos inerentes ao sistema econômico Kaiowa, este é centralizado no princípio do que MELIÁ (2008) conceitua como de *princípio da reciprocidade de dons*.

Diferentemente de outros modelos apresentados por outros grupos étnicos diferentes do grupo Guarani, este princípio não é executado exclusivamente por indivíduos da alta hierarquia (como líderes e chefes), mas, é atinente a todos os indivíduos e sua prática é bem comum entre eles e com outros de sua etnia.

Os Kaiowa inserem este modelo em todas as suas práticas, principalmente na religiosa, onde o indígena vive plenamente seus princípios quando é recíproco e procura o bem-estar coletivo, com os humanos e com as divindades.

A reciprocidade de dons tão evidenciada por MELIÁ caracteriza-se por um modelo

dual que não tem por desejo o retorno de algo de valores em troca e o tempo para receber algo, não é considerado como fator imperante. Esta relação condiz na observância de se fazer um verdadeiro *Kaiowa* em sua total plenitude e deixar conduzir-se por meio de uma experiência que passa ao outro a condição da retribuição, não como obrigação, mas, no sentido de tentar promover um laço permanente e fraterno que o elevará a condição desejada.

No contexto sociopolítico Kaiowa, a complementaridade da relação dessa reciprocidade é apresentada também por ocasião dos convites sociais, o *areté*, que são realizados constantemente em eventos de cunho coletivo e em períodos especiais em que exigem a união de indivíduos, como em assembleias gerais, *aty Guassu*, processos de retomada e em outros eventos que promovem discussões sobre procedimentos e práticas a serem adotados pelos moradores do *tekoha* e da etnia como um todo. Nela se concentra também a responsabilidade da comunidade em estar sempre vigilante e apta a praticá-la, e dessa maneira, manter vivo o sentimento da esperança em alcançar o bem viver. (FALCÃO, 2018, p.64).

## 5 | **TEKOHA: LUGAR DE MEMÓRIA**

No mesmo lugar onde as práticas agrícolas são realizadas, as manifestações culturais que caracterizam a identidade do grupo étnico e que são elementos componentes da organização sociopolítica, dinamizadas pelas ações dos sujeitos históricos que conduzem sua vida, mediatizadas pelo seu modo de ser e estar no mundo, são realizadas e por vezes condicionadas pelas lembranças e memórias de acontecimentos que ocorreram em lugares que para sempre serão palcos de rememoração de práticas executadas.

Importando conceitos inerentes a temática sócio temporal, problematizados por Paul Ricoeur, podemos expor com maior precisão nosso entendimento sobre as condicionantes que são incorporadas no *tekoha* transpõe na vivência dos povos que o habitam e se identificam com sua disposição geopolítica, social e simbólica.

Nesse sentido estar em um *lugar de memória*<sup>7</sup> (como o *tekoha*) que pulsa ritualisticamente, socialmente, politicamente, a ação e práticas de pessoas que nos antecederam e que deixaram seus legados, tradições, conselhos, performances, conceitos, *impressos* no solo, nos indica que os Kaiowa tradicionais que fizeram parte de uma história alocada no tempo e que consegue transpor suas práticas à outros tempos, fazem parte de um conjunto onde está a memória, esta que nos auxilia a viver e conduzir ao tão desejado objetivo de alcançar algo, no caso Kaiowa, o *aguyjé*, a plena madurez, pois quando nos lembramos de algo, “não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vivimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim,

7 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007, p.77.

o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu”. (RICOUER, 2007, p.53)

## 6 I CONSIDERAÇÕES FINAIS: A RESISTÊNCIA KAIOWA CONSTITUÍDA NO TEKOKHA

O fundamento do modo de ser Kaiowa – como no modo Guarani, como um todo – está pautado na boa palavra e na constante utilização de elementos religiosos e ritualísticos, que englobam o sistema sociopolítico coletivo desse povo e que em junção com sua experiência de vida tradicional, herdada ao longo dos anos, dinamizada e revitalizada, meio a sua ação prática em diferentes contextos, os auxilia a resistirem e reagirem às mazelas diversas que se apresentam em sua caminhada pela terra sem males, desde os tempos coloniais até a atualidade.<sup>8</sup>

Condicinado e formado pela experiência vivida do povo que o habita, somada as práticas sociais, religiosas, políticas, rituais, entre outras, o *tekoha* constitui-se em uma parte elementar e fundamental ao sentimento e a necessidade de resistência dos Kaiowa na atualidade e pelo qual é respeitado como elemento sagrado, constituinte de seu corpo físico e espiritual.

A necessidade de apresentar sua identidade fortificada aos habitantes que nele se dispõem e aos não indígenas que no espaço geográfico habitado e dinamizado, como este, enxerga por muitas vezes, uma fonte de riqueza, por um lado, e por outro, uma grande ameaça às suas práticas e pensamentos coloniais, que visam apenas o lucro; o território multiétnico é composto por objetos e performances herdadas dos primeiros ancestrais dos Kaiowa que ali pisaram e que marcaram o solo com sua religiosidade, suas palavras e cantos sagrados, e mesmo por sangue.

Sua forte coesão social sempre foi evidenciada pelos pesquisadores da temática Guarani e sobressai a ideia de alguns desconhecidos que dizem ou pensam que os Kaiowa são povos dispersos, desunidos e que vivem em um espaço reduzido sem normas e controles sociais; a organização do *tekoha* é pensada no bem estar e viver da comunidade e sua divisão estrutural, ainda que diferente das que encontramos nas descrições de diversos autores, como as realizadas por Meliá, Grünberg G. & Grünberg F., por exemplo, demonstram a resistência do povo em viver dignamente e conforme suas tradições e costumes.<sup>9</sup>

Os kaiowa com sua singular atividade agrícola, repleta de conhecimentos sobre os elementos constituintes da natureza que sempre estavam e estão ao seu redor, cuidando dos frágeis homens e mulheres e a eles dando o sustento necessário, seja ele

8 MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní conquistado e reducido: ensaios de etnohistoria*. (1997, p.38)

9 Nas definições apresentadas pelos autores mencionados acima, o *tekoha*, como organização sociopolítica possui uma liderança religiosa própria, *tekoaruvixa* (em alguns casos denominados como pa'i, ñanderu ou ñandesy, estas duas denominações ainda permanecem nos moldes atuais), um líder político, *mburuvixa*, *yvyra'ija* (atualmente denominado apenas de liderança ou mesmo capitão).

físico ou espiritual, atribuído pela união de sua parentela e dinamizado pela economia da reciprocidade, que é capaz de atribuir símbolos permanentes, significando o lugar em um lugar de complementaridade orgânica, que une diversidades e práticas em busca de objetivos comunais, também compartilha a resistência a um sistema que visa apenas ao lucro desenfreado e que não respeita o modo de ser e viver daqueles que divergem com seu pensamento e experiência.

A presença dos Kaiowa residentes na RID nunca foi totalmente bem aceita pela sociedade urbana local; os registros nos apontam para embates e situações que tentam de várias maneiras atribuir o sentido de “invasores” aos indígenas e que eles não precisavam estar residindo naquele espaço.

As discriminações e hostilidades institucionais em desfavor dos Kaiowa / Guarani são demonstradas em registros realizados por diversos pesquisadores que denunciam o descaso por parte do Estado em relação aos indígenas e ao seu modo de ser e viver, conforme suas tradições.<sup>10</sup>

Os registros realizados por WATSON (1952) nos demonstram essa verdade e aponta para o fato de que as relações entre a sociedade urbana douradense e os Kaiowa / Guarani, nunca foi amistosa, a ponto de ocorrerem agressões verbais e físicas, por diversos motivos e com a finalidade principal de diminuir a importância dos verdadeiros “donos da terra”, situação esta que persevera desde a criação da Reserva em 1917.

Estereótipos criados e multiplicados pela sociedade não indígena, em desfavor dos Kaiowa, já eram denunciados desde muito tempo, como as agressões apresentadas na citação abaixo:

The attitudes of local settlers toward the Indians, often expressed openly, and, in any case, obvious in their behavior toward the Cayui, is one of tacit superiority. The Indians “are not really people” (*gente*); they are merely “forest creatures,” “children” (*“bichos do mato,” “crianças”*). And often, when not cheated or threatened, they are treated with an attitude of amused contempt. (WATSON, 1952, p. 59)

Os choques entre agropecuaristas e indígenas Kaiowa / Guarani em especial nas cidades que compõem a região sul do estado Mato Grosso do Sul, está se tornando algo preocupante e vem se tornando uma prática recorrente, acendendo o alerta para a questão da violência física e psicológica, no campo, em desfavor da causa dos indígenas, que rodeados pelo medo e pelas ameaças externas a seus *tekoha*, tentam sobreviver em meio a discursos inflamados de grupos ligados ao “lucrativo” setor do agronegócio.

Estes tentam de várias formas demonstrarem sua força para fins de conseguirem seu objetivo principal que é aumentar sua área produtiva e conseqüentemente seus lucros, mesmo que para isso, tenham que invadir terras demarcadas e ou tentar inventar mentiras sobre práticas e ações realizadas por grupos étnicos tradicionais a centenas de anos em

<sup>10</sup> Para corroborar essa afirmativa ver VELASQUEZ, Capítulo III – *la independencia, un gran divisor In Una periodizacion de la historia paraguaya.* (1989, p. 9).

seus territórios.

A ameaça recorrente das invasões as Terras Indígenas, os casos de práticas racistas evidenciadas nas regiões em torno dos territórios tradicionais e as violações dos direitos humanos se tornam um inimigo invisível<sup>11</sup>, porém, eficaz, em alguns momentos, que sua pressão simbólica, produz um rastro visível de violência e consequências devastadoras nos povos étnicos que sofrem suas ações.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ellen Cristina de. **O associativismo na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa/ Dourados (RID) – MS e as redes de parcerias**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Sociocultural) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

BRAND A. & PICOLI R. Mortalidade Infantil entre os Kaiowá e Guarani. *In. Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

BRAND, Antônio. Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS. *In. Revista Tellus*, Campo Grande, a. 4. n. 6, p. 137-150, 2004.

\_\_\_\_\_. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani**: os difíceis caminhos da Palavra. 1997. Tese (Doutorado em Educação), UCDB, Campo Grande, 1997.

BREZZO, Liliana M. La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. *In. Revista Diálogos*, DHI/UEM, v. 7. p. 157-175, 2003.

CANESE, Natalia Krivoshein de. FELICIANO, Acosta Alcaraz. *Ñe'eryru* – Dicionario Guaraní – Espanhol. Colección Ñemity. Assunção, Paraguai: Instituto Superior de Lenguas-Universidad Nacional de Asunción, 2015.

CHAMORRO, Graciela. **Kurusu Ñe'ëngatu**: palavras que la historia no podria olvidar. Assunção, Paraguai: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, 1995.

\_\_\_\_\_. **Terra madura – Yvy Araguayje**: fundamento da palavra Guarani. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

\_\_\_\_\_. **História Kaiowa**: das origens aos desafios contemporâneos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2015.

FALCÃO, Raul Claudio Lima. **Avatikyry**: Ritual de batismo do milho Saboró entre os Kaiowa de Panambizinho (Dourados-MS). 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Sociocultural) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

MELIÁ, Bartomeu. A terra sem mal dos Guarani: economia e profecia. Tradução de Roberto E. Zwetsoh. *In. Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v.33. p. 1-14, 1990.

<sup>11</sup> Sobre os traumatismos coletivos e as feridas da memória ver RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007, p.92-93,95,98,101.

IORIS, Antonio A. R. BENITES, Tonico. GOETTERT, Jones D. Challenges and contribution of indigenous geography: Learning with and for the Kaiowa-Guarani of South America. **Elsevier**. LTD. Geoforum: Orlando-USA, p. 137-141, 2019.

MELIÁ, Bartomeu. TEMPLE, Dominique. **El Don, la venganza: y otras formas de economía Guaraní**. Assunção, Paraguai: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2004.

MELIÁ, Bartomeu. Cap. 4. La comprensión guarani de la Vida Buena; e Cap. 5.2. El concepto fundamental de la economía guarani: Areté. *In*. Ñande reko: La comprensión guarani de la Vida Buena. Javier Medina (Org.). La Paz, Bolivia: Editorial Quatro Hnos, 2008.

\_\_\_\_\_. **El Guaraní: experiência religiosa**. Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. XIII. Asunción, Paraguai: Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Católica-CEADUC-CEPAG, 1991.

\_\_\_\_\_. El “modo de ser” Guaraní en la primera documentación Jesuítica (1594-1963). *In*. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 24. p. 1-24, 1981.

\_\_\_\_\_. **Mesa redonda: saberes e práticas na produção e recuperação do território**. Anfiteatro da Reitoria – Unidade I da Universidade Federal da Grande Dourados: Dourados, 2016.

PEREIRA, Levi. **Imagem Kaiowá do sistema social e seu entorno**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Levi Marques. SILVESTRE, Célia Foster. CARIAGA, Diógenes Egídio. (org.). **Saberes, sociabilidades, formas organizacionais e territorialidades entre os Kaiowá e Guaraní em Mato Grosso do Sul**. Dourados: Ed. UFGD, 2018.

PUSINERI, Adelina e ZALAZAR, Raquel. Cap III - El periodo prehispánico. *In* TELESKA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay**. Assunção, Paraguai: Taurus Historia, 2010.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François (et al.). Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANGALLI, Andréia. LADEIA, Eláine da Silva. BENITES, Eliel. PEREIRA, Zefa Valdivina. (org.). **Tekoha Ka'aguy: Diálogos entre saberes Guaraní e Kaiowá e o ensino de Ciências da Natureza**. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

WATSON, Virgínia. Cayuá culture change. *In*. The history of Cayua contact with representatives of european culture. **Revista American Anthropologist**, 1952.

VELAQUEZ, Rafael Eladio. *Una periodización de la historia paraguaya*. 3ª Edición. Assunção, Paraguai: Centro de publicaciones de la Universidad Católica (CEPUC), 1989.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arnaldo de Vilanova 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

### B

Brasil Império 1

### C

Camboja 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64

Casamento gay 93

Cooperativização 56, 57, 62, 63, 64

Cultura escolar 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115

Cultura política 1

### D

Direitos 38, 70, 74, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 121, 127, 134, 146, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 199, 213, 218, 245, 247, 248, 249, 252, 257

Doutrina reformista 46, 47, 51, 54, 55

### E

Educação 25, 26, 28, 29, 37, 39, 40, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 81, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 140, 145, 148, 151, 152, 154, 155, 157, 162, 163, 189, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 245, 247, 252, 256, 257, 259

Ensino integrado 67

Extensão 40, 60, 67, 83, 95, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 124, 197, 212, 213, 222

### G

Garantias fundamentais 93, 95, 102

### H

História 4, 10, 19, 25, 26, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 55, 56, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 104, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 121, 125, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 166, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 189, 199, 200, 201, 202, 207, 210, 226, 227, 228, 231, 233, 234, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 253, 259

História da arte 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91

História indígena 134

Historiografia 60, 67, 68, 104, 107, 108, 115, 155, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 180, 186, 226

Homossexuais 93, 94, 95, 97, 98, 100, 103

## I

Identidade 17, 22, 71, 77, 93, 96, 99, 102, 108, 110, 111, 112, 134, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 150, 221, 236, 237, 240, 242, 243, 249

Igreja 17, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 103, 121, 183, 184, 187

Indissociabilidade entre ensino 104, 105, 107

## K

Khmer vermelho 56, 57, 58, 62, 64, 65

## L

Legislação 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 126, 131, 163, 191, 193, 195, 196, 215, 216, 250

Liberdade sexual 93, 102

## M

Memória 17, 20, 42, 44, 55, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 134, 135, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 200, 222, 226, 233, 234, 238, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 257

## P

Partido Comunista do Kampuchea 56, 57, 58, 63

Pensamento mítico 80, 84, 85

Pernambuco 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 34, 39, 41, 119, 120, 133, 134, 135, 137, 140, 145

Pesquisa 26, 27, 43, 45, 47, 67, 69, 74, 75, 77, 78, 80, 86, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 125, 130, 140, 147, 149, 164, 177, 190, 202, 204, 205, 206, 212, 222, 226, 227, 229, 232, 233, 235, 247, 248

Política 1, 6, 13, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 94, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 131, 132, 135, 142, 145, 151, 152, 166, 169, 174, 175, 176, 179, 180, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 203, 206, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 227, 237, 238, 241, 249, 250, 251, 252, 257

Pol Pot 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Povo Pankará 134, 145

Práticas educativas 104, 107

## **R**

Racionalismo 80, 84, 89

Regência 1, 6, 7, 212

Resistência 9, 35, 67, 68, 69, 73, 120, 122, 123, 131, 134, 135, 139, 145, 169, 191, 234, 243, 244, 251, 255, 256, 257

## **S**

Sociedade 6, 18, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 77, 82, 91, 93, 94, 95, 98, 101, 102, 106, 107, 109, 111, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 131, 144, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 173, 187, 191, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 232, 235, 240, 244, 249, 252, 255

Super Facto Adventus Antechristi 46

## **U**

União estável 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101

## **V**

Vênus de Willendorf 80, 85, 86, 87, 88

# História e Política:

Pensamentos  
constitutivos  
e críticos



2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Atena  
Editora  
Ano 2022

# História e Política:

**Pensamentos  
constitutivos  
e críticos**



2

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)